

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

Mudanças climáticas exigem novas formas
de praticar a agricultura [Climate change
demands new ways of practicing agriculture]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fachin, Patricia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 15:26:50
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160732

ja cedendo nas economias centrais. Nas periferias do sistema central, onde nós nos encontramos, os sinais são mais claros, e, talvez, até o final do ano, os sinais de recessão cedam lugar a um leve crescimento. Portanto, não há como atribuir à crise financeira e à economia qualquer possibilidade de uma explicação para inação. A crise econômica durou dois anos, e a crise ambiental já está conosco e estará com nossos filhos e netos. Portanto, são escalas de tempo muito diferentes, ferramentas de ataque distintas. O que a crise financeira nos trouxe como pedagogia é que quando a sociedade percebe um risco, as ações são rápidas e, logicamente, quem paga todas essas correções são os contribuintes. A crise ambiental é mais grave porque pode causar impacto muito maior em todo o planeta. Ainda não demos uma resposta para a sociedade na mesma agilidade em que ela respondeu à ameaça da crise financeira global. Então, não há uma relação muito grande entre essas duas crises a não ser pelo fato de que muitos países aproveitaram a crise econômica e os fundos públicos que foram sacados para aliviar os efeitos mais agudos desta crise. Penso que essa crise serviu como um pequeno estímulo aos percentuais colocados em tecnologias verdes. Mas isso é simbólico, e, quando se saca de fundos públicos para resolver um problema que aflige a sociedade, tem que se ter uma visão de longo período. Uma visão não de analgésico para baixar a febre instantânea, mas sim para atacar o que causou a febre, e qual é o caminho para o mundo ficar mais robusto, inclusive ambientalmente.

LEIA MAIS...

>> Carlos Nobre concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- *SC: O fenômeno é natural, mas a intensificação pode ser uma consequência do aquecimento global.* Entrevista publicada nas **Notícias do Dia** de 17-12-2008 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18940;
- *Mudanças climáticas e o Brasil: consequências reais, soluções viáveis.* Entrevista publicada em 23-06-2008, nas **Notícias do Dia** e disponível no endereço eletrônico http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=14805.

Mudanças climáticas exigem novas formas de praticar a agricultura

Para Gerald Nelson, a maneira de tentar conter os prejuízos das mudanças climáticas está associada aos limites nas emissões de gases de efeito estufa

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP

Às vésperas de uma viagem para o continente asiático e africano, Gerald Nelson, autor do relatório *Mais calor e menos comida*, coordenado pelo Instituto Internacional de Pesquisa de Política Alimentar (IFPRI, sigla em inglês) que alerta sobre a escassez de alimentos no planeta até 2050, concedeu uma breve entrevista à **IHU On-Line** por e-mail. Segundo ele, as mudanças climáticas poderão tanto favorecer como prejudicar a agricultura, tudo depende da localidade e da intensidade de tais transformações. “Em algumas localidades, as mudanças serão favoráveis à agricultura, mas, na maioria dos lugares, novas formas de praticar a agricultura serão necessárias”, aponta. Ele menciona também que os efeitos das mudanças climáticas serão incertos, mas a África é um país em potencial para sentir os impactos. “Dependendo do modelo climático, a África subsaariana terá mais, ou menos, precipitação. Mas, pelo fato dos países dessa região partirem de um nível de desenvolvimento inferior, acabam sendo menos capazes de se adaptar às mudanças. Os modelos da Ásia Meridional são mais consistentes ao prever efeitos negativos”.

Nelson é esperançoso em relação à Conferência do Clima que acontece em Copenhague. Para ele, os efeitos da crise podem “reduzir os efeitos iniciais para se estabelecer diretrizes mandatórias para as emissões de gases de efeito estufa”. De qualquer modo, acrescentou, “estou cautelosamente otimista de que ocorrerá um progresso significativo, começando em Copenhague e nas negociações que seguirão após o encontro”.

Nelson é integrante do Instituto Internacional de Pesquisa de Política Alimentar (IFPRI, na sigla em inglês) e até o ano passado foi docente do Departamento de Economia Agrícola e do Consumidor, da Universidade de Illinois. Confira a entrevista.

IHU On-Line — O senhor é autor do relatório recente que alerta sobre a escassez de alimentos básicos no planeta por volta de 2050. Qual é a vulnerabilidade da agricultura mundial diante das mudanças climáticas? Em que medida isso aumentará os índices de fome no mundo?
Gerald Nelson — A agricultura é extremamente dependente do clima. As

plantas necessitam de luz solar, temperaturas que estão na variação correta e água suficiente para crescer e produzir alimento e outros produtos utilizados pelo homem. Mudanças climáticas resultarão em temperaturas mais elevadas, alterações nos padrões de precipitação, e mais inconstância. Todas estas mudanças exigirão novas formas de praticar a agricultura. Em

algumas localidades, as mudanças serão favoráveis à agricultura, mas, na maioria dos lugares, novas formas de praticar a agricultura serão necessárias devido às mudanças climáticas.

IHU On-Line — Além da escassez de alimentos, o estudo diz que os efeitos das mudanças climáticas serão mais fortes na África e na Ásia Meridional. Que impactos o estudo vislumbra nessas regiões?

Gerald Nelson — O primeiro ponto importante a salientar é que os efeitos das mudanças climáticas em determinados lugares são incertos. Por exemplo, dependendo do modelo climático, a África subsaariana terá mais, ou menos, precipitação. Mas, pelo fato dos países dessa região partirem de um nível de desenvolvimento inferior, acabam sendo menos capazes de se adaptar às mudanças. Os modelos da Ásia Meridional são mais consistentes ao prever efeitos negativos.

IHU On-Line — Em uma de suas pesquisas, o senhor usa dados como imagens de satélites e outros dados geográficos em modelos econométricos para identificar os determinantes do uso da terra existente. Pode nos falar mais sobre esse projeto? Como essas técnicas também permitem simular as consequências do impacto ambiental?

Gerald Nelson — Imagens de satélite, quando combinadas com determinadas observações no solo, podem fornecer dados melhores, e mais baratos, sobre a possibilidade de estarmos usando os diferentes serviços do ecossistema de forma sustentável. Caso administrados corretamente (o que não ocorre), satélites podem fornecer medidas regulares, repetidas e precisas, que podem ajudar-nos a compreender as várias formas com que fazemos uso do ecossistema, e então alterar a for-

“Nunca foi possível separar economia e ecologia. Mas, nos últimos anos, a combinação de mais pessoas com maior uso daquilo que o ecossistema oferece tornou essas ligações mais óbvias”

ma de utilização da terra. O principal problema é que os satélites são vistos como ferramentas de pesquisa, e não ferramentas para coleta de dados, e, por isso, são muito caros. Mas novas tecnologias que já demonstraram como lançar satélites de sensoriamento remoto, de forma barata e eficiente, estão disponíveis. O INPE [Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais] tem papel importante neste trabalho.

IHU On-Line — Não se pode mais separar economia da ecologia? Por quê?

Gerald Nelson — Economia é apenas a interação das pessoas com o seu ambiente. Na verdade, nunca foi possível separar economia e ecologia. Mas, nos últimos anos, a combinação de mais pessoas com maior uso daquilo que o ecossistema oferece tornou essas ligações mais óbvias.

IHU On-Line — Os reflexos da crise financeira internacional podem influenciar as decisões em relação às metas de combate às mudanças climáticas em Copenhague?

Gerald Nelson — A crise pode até reduzir os esforços iniciais para se estabelecer diretrizes mandatórias para as

emissões de gases de efeito estufa, mas estou cautelosamente otimista de que ocorrerá um progresso significativo, começando em Copenhague e nas negociações que seguirão após o encontro.

IHU On-Line — Em sua opinião, é possível conciliar crescimento econômico com preocupação ambiental? Como isso é possível?

Gerald Nelson — Sob vários aspectos, já associamos a preocupação ambiental com o crescimento econômico. Enquanto os efeitos colaterais negativos de qualquer atividade econômica se tornam aparentes, vamos encontrando formas de lidar com eles. Um clássico exemplo histórico é o tratamento do esgoto. Sistemas modernos de esgoto são uma invenção relativamente recente (diríamos que de 1850) e foram introduzidos quando os custos de não tratar o esgoto tornaram-se muito altos.

IHU On-Line — Qual é sua percepção sobre o mercado global de créditos de carbono e também a criação de impostos diretos sobre as emissões? Essas medidas de fato trarão resultados sustentáveis ou elas poderão desencadear uma nova crise econômica e global?

Gerald Nelson — O mercado de créditos de carbono global está na sua infância e crescerá consideravelmente nos próximos 10 anos. É importante que o princípio de pagamentos de compensação para os países em desenvolvimento seja incluído em um acordo de Copenhague, para que eles se beneficiem do mercado.

IHU On-Line — Além das medidas já anunciadas, que política de combate ao aquecimento global deveria ser traçada em Copenhague?

Gerald Nelson — Limites nas emissões de gases de efeito estufa precisam ser colocados em prática o quanto antes.

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA. WWW.IHU.UNISINOS.BR